

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## CONFERÊNCIA. GIL VICENTE.

VIEIRA, Afonso Lopes

Ano: 1937 | Número: 47

---

### Como citar este documento:

VIEIRA, Afonso Lopes, Conferência. Gil Vicente. *Revista de Guimarães*, 47 (1-2) Jan.-Jun. 1937, p. 147-177.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)

URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

mesmo tempo, de linhas e motivos decorativos, um *Pôrto de Honra* que foi, afinal, uma profusa e delicada ceia fria.

O Sr. Dr. José Francisco dos Santos brindou pelos seus convidados, agradecendo-lhe os Srs. Capitão Mário Cardoso e Major de Engenharia Fernando Moreira de Sá.

O Orfeão Lusitano fez-se representar pelo seu director-artístico, o Maestro Afonso Valentim.

Cêrca das três horas da madrugada, após uma tarde e uma noite de evocações impressionantes, os convidados que do Pôrto se haviam deslocado à cidade natal de Moreira de Sá para tomar parte nas homenagens à memória do Mestre, empreenderam o regresso. E regressaram convencidos de que o grande musicólogo se agigantara, nesse dia soleníssimo, para a veneração dos seus admiradores e para a saúde dos seus amigos.

\*

\* \*

## Centenário de GIL VICENTE

Finalmente a celebração, em Guimarães, do IV Centenário da morte de Gil Vicente, atingiu foros de acontecimento nacional, pela elevação que, na sua impressionante sobriedade, revestiu. A comemoração, promovida pela Câmara Municipal, deu a Sociedade M. Sarmento franca adesão e activa cooperação, realizando na sua sede, na noite de 8 de Junho, uma grandiosa Sessão Solene, na qual usou da palavra o notabilíssimo Poeta e Homem de Letras Sr. Dr. Afonso Lopes Vieira, que aos estudos vicentinos tem dedicado uma grande parte da sua magnífica obra.

Do que foram as comemorações a Gil Vicente na cidade de Guimarães, sua terra natal, deram expressivas notícias vários jornais locais, bem como os diários do Pôrto e de Braga.

Reproduzimos da reportagem do «Jornal de Notícias», do dia 10 de Junho:

Gil Vicente, o imortal fundador do Teatro Português, o Poeta e o Artista que viveu há quatro séculos, e cujo centenário passou há pouco, foi ontem glorificado na sua terra natal.

Deve-se à benemérita S. M. S. a iniciativa desta comemoração centenária, pois aquela instituição cultural que muito honra

Guimarães, tomou o encargo de fazer lembrar aos vimaranenses a figura nobre do Grande Português.

.....

A Câmara, coadjuvando a iniciativa da S. M. S., soube interpretar o desejo dos vimaranenses, nesta justa consagração.

A's 17,30 horas de ontem organizou-se nos Paços do Concelho um cortejo em que tomaram parte as autoridades civis, militares e eclesiásticas e outras pessoas de representação, Academia, Associações de Classe, etc., etc., o qual se dirigiu à Praça Municipal, onde pouco depois se procedia, solenemente, ao lançamento da primeira pedra para o Monumento a erigir ao fundador do Teatro Português. Presidiu ao acto o Sr. Presidente da Câmara, Dr. José Francisco dos Santos, secretariado pelos Srs. Tenente Artur da Silva Lameiras, Administrador do Concelho, e Mons. João Ribeiro, Arcipreste, vendo-se ainda, entre muitas outras pessoas, o Delegado do Procurador da República, Presidente e Directores da Soc. M. S., Tenente da G. N. R., Presidente do Orfeão de Guimarães, Directores da Revista «Gil Vicente» e dos jornais locais, Reitor do Liceu e Director da Escola I. e Comercial e professores dos mesmos estabelecimentos de ensino, Presidente da Junta de Turismo, legionários, escutas, médicos, advogados, oficiais do exército e muitas senhoras.

O Sr. Presidente da Câmara leu um breve discurso, após o que se procedeu ao levantamento da primeira pedra, tendo sido as moedas da respectiva cerimónia lançadas pelos Srs. Tenente Artur Lameiras, Capitão Mário Cardoso, Capitão José Maria de Magalhães e Couto e Tenente Manuel Rebelo da Cruz e a argamassa deitada pelo Sr. Presidente da Câmara.

Seguidamente o Sr. Dr. Américo Durão, ilustre Chefe da Secretaria Municipal, leu o auto, que é redigido nos termos seguintes, ouvindo-se nesta altura uma salva de palmas, morteiros e os acordes do Hino da Cidade, executado pela banda dos B. V. :

**Auto do lançamento da primeira pedra para o Monumento à memória de Gil Vicente, aos 8 de Junho de 1937, ano comemorativo do IV Centenário da sua morte.**

Aos oito dias do mês de Junho de mil novecentos e trinta e sete, nesta cidade de Guimarães, se procedeu solenemente ao lançamento da primeira pedra para o Monumento a Gil Vicente, genial criador do Teatro Português, precursor da idade de ouro do Teatro Espanhol, e lavrante maravilhoso das Custódias de Be-

lém — Monumento que vai erigir-se, por iniciativa da Câmara Municipal de Guimarães, para perpetuar a gratidão desta cidade e concelho ao mais alto e glorioso dos seus filhos — Figura universal que bem merece da Pátria e do Mundo.

Compareceram a êste acto o Presidente e Vereadores da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães; Representante do Chefe do Distrito; Representantes do Liceu de Martins Sarmento, Escola Industrial e demais Institutos de ensino; Representantes das Autoridades Cívicas, Militares e Religiosas do Concelho; A Imprensa; Agremiações Vimaraneses; Representantes das Associações dos Offícios e das Fábricas do Concelho; Homens Voluntários de Guimarães, Vizela e Taipas; Escolas e Asilos de Infância; Juntas das Freguesias do Concelho; Escoteiros, etc., etc.

E para constar se lavrou o presente Auto, em duplicado, sendo um exemplar para o Arquivo Municipal e outro para o Arquivo da Sociedade Martins Sarmento, — o qual vai ser assinado pelas Autoridades acima referidas e mais pessoas presentes.

### A Conferência na S. M. S.

A' noite, pouco depois das 22 horas, realizou-se no salão nobre da S. M. S. a anunciada conferência pelo ilustre poeta e conferencista, Sr. Dr. Afonso Lopes Vieira.

O salão comportava uma assistência numerosa e distinta. Em lugares reservados viam-se numerosas pessoas desta cidade, de Braga, Pôrto, Lisboa e outras localidades, destacando-se, entre essas individualidades, o escritor Sr. Dr. Fidelino de Figueiredo, Drs. António e Alberto Pinheiro Tôrres, etc.

Presidiu à conferência o Sr. Dr. António Abranches, representante do Sr. Governador Civil do Distrito, secretariado pelos Srs. Drs. José Francisco dos Santos, Presidente da Câmara Municipal e Capitão Mário Cardoso, Presidente da S. M. S. Este último, num brilhante discurso, fez nos seguintes termos a apresentação do Conferente:

Ex.<sup>mo</sup> Sr. Representante de S. Ex.<sup>a</sup> o Senhor  
Governador Civil,  
Minhas Senhoras,  
Meus Senhores:

Quanto a personalidade literária de Gil Vicente tem sido exaustivamente estudada por nacionais e estrangeiros, embora, aqui e além, se mantenha qualquer ponto incerto, são ainda obscuros

numerosos detalhes da sua biografia! Ignoramos a sua naturalidade e a data do seu nascimento; não se conhece com precisão o nome de seus pais; ignora-se onde passou a sua mocidade, se no Minho, se na Beira, e onde iniciou a sua formação mental; não se pode afirmar categoricamente se a sua ascendência era de nobre linhagem, ou de condição plebeia; incertos os anos em que casou, primeira e segunda vez; como incerto, finalmente, o ano em que morreu e onde foi sepultado... E, até, por muito tempo, a chamada *questão vicentina* discutiu se o Poeta cómico, que deliciou a côrte de D. Manuel, e o lavrante da Rainha D. Leonor, que concebeu e executou, com o primeiro ouro recolhido dos tributos do Oriente, a maravilhosa Custódia destinada ao Mosteiro de Belém — eram um e o mesmo Artista.

Diz-se que nasceu em Guimarães, por volta de 1465, onde aprendeu o mister de ourives, tradicional nesta terra; deduz-se que casou, a primeira vez entre 1486 e 1488, e a segunda em 1516 ou 17; supõe-se que morreu em fins de 1536, ou comêços de 1537; finalmente, é tradição aceite que o seu corpo baixou à terra na igreja de S. Francisco da cidade de Evora.

Que admira se ignorem estes detalhes da vida de um homem célebre finado há quatro séculos, se tantas vezes perdemos a certeza ou a simples lembrança de circunstâncias vulgaríssimas relativas a escritores consagrados, que deixaram de existir há três ou quatro decénios? Por outro lado, a influência na vida do espirito de muitos accidentes que se movem no âmbito da vida material e terrena é, na maioria dos casos, de bem menor importância do que pressupõem a curiosidade insaciável, e, quantas vezes, a fantasia dos eruditos e biógrafos. O que interessa fundamentalmente conhecer de um Autor é o valor da sua obra intelectual, o meio em que foi concebida e a acção que ela teve na mentalidade dos seus contemporâneos, e possa ainda ter na nossa, ou na dos vindouros.

Seja como fôr, reza a tradição que pertence a Guimarães a glória de ter sido a terra natal de Gil Vicente, e afirmam os eruditos que é, de facto, a nossa terra, em competição com Lisboa e Barcelos, aquela que mais probabilidades reúne de ter sido o bêrço dêsse admirável Espírito, que tanto cinzelava e esmaltava delicadas obras-primas de ourivesaria, como burilava os versos de encantado lirismo ou de irónica mordacidade de seus autos, que por vezes musicava e declamava também.

Honra de tamanho vulto e responsabilidade contém esta tradição para os vimaraneuses, que eu suponho dela nos não apercebemos ainda bem, nem compenetrámos inteiramente. Se assim não fôra, já nesta Cidade se ergueria, de há muito, com a decidida vontade e o sacrificio de todos, um monumento condigno, que mantivesse, perenemente viva entre nós, a memória do genial Criador do Teatro português.

— Há pouco mais de 50 anos, a Câmara Municipal de Guimarães baptizou com o nome do grande Comediógrafo de Quinhentos uma das ruas da Cidade.

— Em 1902, no dia 8 de Junho, não ficou esquecida na nossa terra a Comemoração do IV Centenário da representação do *Monólogo do Vaqueiro*, isto é — do início do Teatro Nacional. O Município realizou uma grandiosa Sessão Solene e, à noite, a velha casa de espectáculos desta Cidade vestiu-se de galas para

ouvirmos, em honra de Gil Vicente, o Conferente e Poeta Queiroz Ribeiro e o Pianista Luís Costa. A Sociedade Martins Sarmiento consagrou ao Dramaturgo um fascículo especial da sua Revista, onde colaboraram nomes ilustres, como Teófilo Braga, Malheiro Dias, Luís de Magalhães, Abade de Tâgilde, e outros.

— No mesmo dia e mês do ano de 1921, nova Conferência Vicentina foi pronunciada no Teatro de D. Afonso, a convite da Vereação Municipal, pelo Dr. Jaime de Vasconcelos, Prof. portuense.

— Finalmente, no ano passado, o Sr. Manuel Alves de Oliveira, que ao lado de D. José Ferrão mantém, desde 1925, com admirável persistência, a interessante Revista *Gil Vicente*, de cultura nacionalista, festejou a data consagrada de 8 de Junho, proferindo uma Conferência sobre *O Teatro de Gil Vicente*, na Comemoração promovida pelo Grupo Scénico «Mocidade Alegre», que representou a *Farça de Inês Pereira* e nos deu alguns recitativos de trechos vicentinos.

E eis tudo (se me não falece a lembrança) quanto Guimarães, até este momento, tem feito para glorificar o mais ilustre de seus filhos, nas Letras e na Arte. Não pode dizer-se que a nossa Terra o haja esquecido inteiramente, mas, em boa verdade, concordemos (sem intenção depreciativa) que tem sido bem pouco, para o inuito que à sua grandeza é devido.

Nesta hora solene que hoje passa, mais uma vez, os vimaranenses lembram o nome de tão glorioso Conterrâneo, pelo motivo da passagem do IV Centenário da sua morte, ou, direi com mais propriedade, da sua morte como dramaturgo, pois, não havendo a inteira certeza do ano do passamento do Poeta, sabe-se, todavia, que em Dezembro de 1436 se representou a sua última peça, intitulada «Floresta de Enganos», que foi, assim, o desferir do «canto do cisne».

Bem desejariamos nós ver tôdas as vontades, tôdas as fôrças de acção da nossa terra unidas em volta dessa ideia, aliás persistente e antiga, mas que de aspiração, infelizmente, não tem passado, de levantarmos um monumento grandioso a Gil Vicente, bastante para honrar a memória do fecundo Dramaturgo, a quem a insigne romanista D. Carolina Michaëlis chamou «o maior génio inventivo que Portugal produziu», e capaz igualmente de nos elevar perante a nossa consciência e a de todos os portugueses que amam Portugal. Mas confiemos na inteligência dos homens que hoje se encontram à frente do Município Vimaranense, e confiemos também na hora presente, que é de reconstrução social e de vivo ardor nacionalista; e o monumento, que hoje teve a sua primeira pedra, será em breve uma realidade, porque está nisso empenhada a honra e o brio desta terra.

Por sua parte, a Sociedade Martins Sarmiento, realizando esta Sessão Solene, cumpre integralmente o seu dever, no campo espiritual e cívico, como Instituição de Cultura que é, consciente da sua missão e das suas responsabilidades nesse campo. E podemos jubilosamente afirmar que à nossa cooperação neste Centenário, que as Academias com tanto brilho e dignidade têm celebrado no corrente ano, não falta a superior elevação e a discrera sobriedade, que era necessário imprimir-lhe, para que o vulto gigante, a Figura nacional que pretendemos glorificar não fôsse diminuída, pela insu-

ficiência dos nossos próprios meios. E esta elevação sem ostentação, e esta grandeza na simplicidade, veio comunicá-la ao nosso esforço, que, por si apenas, nada valia, e às nossas intenções, que, a si limitadas, nada conseguiriam, o Conferente illustre que hoje nos dá o supremo prazer espiritual de se fazer ouvir neste Salão Nobre.

Eu devia, propositada e discretamente, calar quaisquer referências ao mérito intelectual do Conferente que teve a inexcédível gentileza de nos honrar com a sua presença nesta Casa, e nesta hora solene. Quaisquer frases de elogio serão, talvez, inexpressivas, e até de uma frialdade e de um preciosismo intoleráveis, dirigidas a um Homem que tem um nome conhecido e consagrado na Cultura, na Arte, e na Literatura portuguesa contemporânea, e cuja Obra de Prosador e de Poeta todos temos o dever de admirar, e ninguém a desculpa de ignorar. Dizendo que veio até nós Afonso Lopes Vieira, pare nos dar o apoio moral da sua presença e do seu comunicativo «lusitanismo», e o apoio espiritual da sua inteligência equilibrada, elegante e culta — está dito tudo quanto é preciso.



(Retrato, por Columbano)

Dr. Afonso Lopes Vieira

Não quero porém deixar de acentuar desvanecidamente, e quasi com vaidade e orgulho (se estes sentimentos coubessem na minha reconhecida simplicidade), que, de entre os estudiosos portugueses de hoje, nenhum outro mais competente para discorrer sobre a Vida e a Obra imortal do Criador do Teatro Português poderíamos ter conseguido trazer aqui, do que S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. Dr. Afonso Lopes Vieira. Concorrem nêle inúmeras circunstâncias especiais, que o tornam particularmente indicado e apto, para nos dar uma lição magnífica e uma evocação incomparável da figura espiritual de Gil Vicente; mas, de entre tôdas essas superiores aptidões, salienta-se o facto de ter consagrado aos estudos vicentinos uma boa parcela da sua magnífica obra de reintegração dos portugueses em si próprios, isto é — no conhecimento, no respeito e no amor da Pátria e das suas glórias. E, também, o facto

de ter sido o Conferente insigne que vamos ter a honra de escutar, o primeiro, de entre os intelectuais portugueses contemporâneos, que se devotou à nobre, quanto ingrata, campanha de tornar o grande Dramaturgo e Comediógrafo nacional conhecido dos portugueses de hoje; à difícil, quanto ousada, campanha de arrancar a Obra vicentina da poeira dos séculos e do esquecimento em que jazia, mumificada nas estantes dos bibliófilos ou no campo restrito da crítica erudita, para o tablado dos teatros. Porque, como afirmou, ainda há pouco tempo, o Ilustre Poeta — «um teatro só vive quando é representado». O Teatro de Gil Vicente, estruturalmente português, medularmente nacional, só ressuscitado e vivido pode passar do âmbito inacessível e fechado das Academias, para o conhecimento do povo, dêsse bom povo no sentido nobre da palavra, para quem Mestre Gil escreveu, e do qual tão intimamente e com tão penetrante espírito de observação soube estudar e traduzir a índole, o falar, os costumes, os defeitos e as virtudes. Porque, se nos autos, comédias e farsas vicentinas perpassam as mais heterogêneas personagens — fidalgos, plebeus, frades, clérigos, físicos, ciganos, judeus, camponeses, e se uma grande parte da vida de Gil Vicente decorre, entre os primores de uma Cômte faustosa e opulenta, em pleno apogeu da nossa grandeza marítima, nem por isso a sua obra deixou de ter como primacial fonte de inspiração o humilde povo português, e de lançar as mais fundas raízes na alma popular. Pois foi o Sr. Dr. Afonso Lopes Vieira, nessa patriótica *campanha vicentina*, iniciada em 1911, com a representação do «Auto da Barca do Inferno» pelo saudável e grande Artista Augusto Rosa, e seguida, no ano imediato, de vários Serões vicentinos, realizados em Lisboa e no Pôrto, quem trouxe novamente o nosso genial Dramaturgo, durante séculos esquecido, à presença dos aristocratas e da burguesia. Mas é preciso que a campanha iniciada se reanime e prossiga no sentido que o Ilustre Conferente de hoje indicou, e no caminho que êle desbravou. E' preciso que não só as classes elevadas e a burguesia reconheçam Mestre Gil, mas que o próprio povo se encontre outra vez em contacto com o seu teatro, ria alegremente com a sua mordacidade salutar, sinta com a delicada elevação do seu lirismo incomparável, vibre e se retempere no seu forte e viril espírito patriótico. Assim o compreendeu inteligentemente o Ministério da Educação Nacional, promovendo as récitas escolares e populares vicentinas, que a primorosa Companhia do Teatro Nacional de Almeida Garrett vem realizando em algumas terras do país, e amanhã se fará ouvir em Guimarães.

Da Obra do Comediógrafo e Poeta Vimaranesense, do «Plauto português», que o grande Antiquário André de Rezende enalteceu, e Erasmo, o mais ilustre dos humanistas da Renascença, admirou, não me atrevo, sob o aspecto especial da crítica literária ou filosófica, a balbuciar, neste lugar, o mais leve e sintético esboço ou comentário. A sua análise, que a nossa douta Academia das Ciências, ultimamente, passou em revisão numa série de brilhantíssimas Conferências, tem sido feita, de há 50 anos a esta parte, de um modo exaustivo por críticos e investigadores nacionais, como Brito Rebelo, Teófilo Braga, Carolina Michaëlis, Braamcamp Freire, Afonso Lopes Vieira, Queiroz Veloso, Agostinho de Campos, etc., e por estrangeiros da categoria mental de Edgar Prestage, Menendez y Pelayo, Aubrey Bell e outros. ¿Que poderia, portanto, o obs-



curo vimaranense que eu sou, e que sòmente por dever da posição que nesta Colectividade ocupo me atrevo a erguer aqui a voz, dizer da Obra do nosso glorioso Conterrâneo do século XVI, que já não estivesse dito e ensinado pelos Mestres, e de todos conhecido?

A bibliografia vicentina, portuguesa e estrangeira, é vastíssima; as fontes de investigação e de estudo, numerosas. Só, portanto, um espírito sempre novo e sempre fecundo, como o do Conferente, a quem não devo impedir por mais tempo, com as minhas inúteis divagações, o uso da palavra, nos pode e vai aqui trazer muito de interessante, de inédito e de inesperado sòbre os aspectos da obra literária do maior, mais original e mais português de quantos, em terra portuguesa, se entregaram à literatura dramática, à suprema arte de transportar a um palco imagens da vida real, aí transfiguradas em símbolos eternos.

Sr. Dr. Afonso Lopes Vieira: Em nome da Direcção desta Casa de Martins Sarmiento, que é uma das Colectividades mais antigas e de mais nobres tradições dèste País, agradeço-lhe profundamente a honra que nos concedeu, satisfazendo o pedido que lhe apresentámos para pronunciar a Conferência de hoje.

Para V. Ex.<sup>a</sup>, Sr. Representante de S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. Governador Civil do Distrito, vão também os nossos mais expressivos agradecimentos pela alta distinção da sua comparência nesta Sessão, cuja presidência se dignou aceitar. A tòdas as outras pessoas de representação social, bem como aos nossos Consócios, que nos honraram com a sua presença, quero igualmente significar a gratidão da Sociedade Martins Sarmiento.

Tenho dito.

O Sr. Dr. Afonso Lopes Vieira, que foi recebido com uma calorosa salva de palmas, entrou seguidamente na leitura do seu notável trabalho, prendendo por espaço de uma hora a atenção da numerosa e distinta assembleia.

## Gil Vicente

---

Senhor Presidente,  
Minhas Senhoras,  
Meus Senhores:

O quarto Centenário da morte de Gil Vicente, se não pode passar em claro para todos os homens letrados do nosso tempo, é para nós, Portugueses, uma grandiosa festa de família.

E' que a obra do grande Poeta aparece-nos tão cheia de frescura viçosa, tão povoada de almas nossas conhecidas e parentas, que a essa obra podemos chamar — o retrato de Portugal em corpo inteiro.

Já o grande filólogo espanhol Menendez y Pelayo pôde dizer que «a alma do Povo português não respira plenamente senão em Gil Vicente», e o mesmo pensava o Barão de Baligand, que era Ministro da Alemanha em Lisboa há poucos anos e aí foi tão deploravelmente assassinado por um louco; diplomata elegantemente letrado que aprendera a língua portuguesa nos Autos, e os estudava — disse-me êle — para bem conhecer o país onde desempenhava a sua missão.

Notemos que o mais raro e formoso timbre das nossas grandes obras de Arte, nas Letras, na Arquitectura, na Pintura com Nuno Gonçalves, é que elas exprimem como nenhuma outra a alma colectiva da Nação, ou seja em *Os Lusíadas*, ou nas crónicas de Fernão Lopes, ou nas pedras sagradas da Batalha, de Tomar e dos Jerónimos.

Para que os nossos maiores escritores e artistas pudessem ter exprimido êsse carácter de representação pátria, era necessário que Portugal possuísse, como possui, a glória histórica de ser a mais antiga e mais definida unidade nacional europeia, aquela que na confusa Europa do século XIII, quando as nações preponderantes de hoje se achavam tão longe de estar formadas, tinha já o mesmo território, a mesma linguagem, a mesma religião que tem agora. Porém, de todos êsses grandes retratistas de Portugal, nenhum pintou um retrato mais parecido do que aquele que Gil Vicente nos deixou no seu Teatro — o retrato a que eu chamei de corpo inteiro. Retrato que é o mais vivo justamente porque mostra as qualidades e os defeitos, as glórias e os erros, à luz de ouro da época manuelina, do esplendor e miséria da qual Gil Vicente foi ao mesmo tempo o poeta satírico e o épico jogral, o moralista mais herôicamente cristão num país que conta entre os heróis da dignidade moral os génios de Camões e do Padre António Vieira, o primeiro deixando-nos no final do canto VII um compêndio de humana integridade, o segundo proclamando no Brasil, diante de confrarias de negros, a igualdade, perante Deus e a natureza, de escravos e senhores.

Mas o mais singular e saboroso é que o próprio momento e as circunstâncias em que o génio de Gil Vicente desabrocha, concorrem para dar à sua obra

feições que parecem ou são contraditórias, agitando-se nela um tumulto de onde afinal resulta uma formosa harmonia. E' que Gil Vicente provém da Idade-Média e vive em pleno Renascimento. Nas suas obras deliciosamente persistem os cantares, as serranilhas, os romances, numa época em que as modas italianas da poesia triunfavam e os doutos humanistas discorriam em latim, — êsse latim que acabou por fazer murchar a maravilhosa flor dos Cancioneiros. Neste meio, Gil Vicente era e ficou sempre um primitivo — ou um bárbaro, como queriam os que êle designa por *certos homens de bom saber*, seus desdenhosos inimigos — mas era um primitivo que encontrava, para nela expandir a genial desenvoltura, uma côrte polida ao modo clássico. Ele, que chamara ao ciclo manuelino *tormenta desigual*, teve de ser também o seu cantor, embora fôsse tanto o seu satírico; e êste profundo cristão que exaltara a Virgem nos mais belos versos do lirismo religioso da nossa linguagem, teve também de adoptar o paganismo decorativo do Renascimento, e, antes de Camões, misturou os deuses e o Deus do cristianismo e floresceu a bôca de Vénus com rimas portuguesas.

Meditemos êste passo em que Gil Vicente chama *tormenta* ao reinado manuelino:

Diz o Povo em voz geral:  
 bonança nos seja dada,  
 que a tormenta passada  
 foi tanta e tão desigual  
 que no mundo é soada.

E' que êle, o grande rural, o puro representante do povo dos concelhos que vivia e trabalhava seguro à sombra das regalias municipais; êle, o poeta dos pastores, dos vilãos, das zagalas, dos *ratinhos* beirões, desconfiava dessa nova Lisboa cosmopolita, empório do comércio em cujo pôrto ancoravam as naus de tôdas as marinhas e onde as nossas descarregavam as riquezas do Oriente, as sêdas e louças da China, o âmbar e o marfim, o ouro de Sumatra, os tapetes da Pérsia, a canela de Ceilão, os tecidos de Bengala, e tudo isto iluminado pelo fulgor das gemas orientais, os dia-

mantes, o aljôfar, os rubis e as pérolas; êle, o homem da serra brava ou do vale fecundo, costumado ao aroma dos rosmaninhos, das estêvas e das urzes, via agora um povo entontecido por exóticos perfumes de produtos e especiarias raras — o sândalo, o cravo, o ébano, a cânfora, o gengibre; êle, que não sendo sábio, tinha por melhor sciência a leitura dos Livros sagrados e os ditames da humana razão, havia de trabalhar numa côrte em que as damas começavam a ser eruditas e os letrados se instruíam em Grécia e Roma.

¿ Pois não chegou o erudito André de Resende a lastimar que Gil Vicente não escrevesse os seus Autos em latim ?

Não pode haver melhor exemplo da perversão a que artes e letras se arriscam a ser arrastadas pelos Doutores que perderam o sentimento da terra e do povo.

Na sua longa e cheia vida de autor, actor, ensenador da côrte, músico e ourives, o Poeta dos Autos assistiu dêste modo ao rápido desconcerto da alma nacional, que êle vira ainda tão forte com D. João II, — de quem parece guardar uma recordação deslumbrada —, e agora pendia para aquella tristeza que fazia com que um pouco mais tarde Camões fizesse ao silêncio os seus trágicos requerimentos de épico e de lírico — *Não mais, Musa, não mais — Não mais, câncão, não mais...* Por isso Gil Vicente é tão agudo satírico; é porque pelega a seu modo pela razão e pela saúde nacionais, sem contudo perder a alegria, porque de certo é êle o homem mais alegre de Portugal. Assim combate sem tréguas a corrupção do clero, que, pelos documentos da chancelaria de D. Manuel, se reconhece ter sido escandalosa; o negócio romano das indulgências, tão ofensivo da sua vivíssima crença cristã; não sendo marítimo, mas cuidadoso da fazenda nacional, protesta contra o perigo de nomear pilotos das naus da Índia a homens incompetentes; desola-se com o crescente abandono das terras que faz com que afluam à côrte os filhos dos lavradores, os quais desertam do trabalho honrado,

os lavradores

fazem os filhos pãçãos,  
cedo não há-de haver vilãos  
— todos del-rei ! todos del-rei !

indigna-se e ri-se dêsse luxo mentiroso que estraga o honesto contentamento e produz a nova classe dos fidalgos de pouca renda que saem à rua com seis pagens e não pagam as dívidas; chasqueia a vaidade dos tolos que querem afidalgar-se; reprova tantas ambições dementadas, e êle, o mais jovial dos humoristas, acaba por lastimar a nova melancolia que parece envolver a Pátria, ao entrever, por detrás do esplendor manuelino, a miséria do povo português. Se quisermos surpreender claramente o pensamento de Gil Vicente perante o que êle chama a *tormenta* do reinado manuelino, e é em suma o seu pensamento central de patriota, havemos de procurá-lo no pouco citado *Romance à aclamação de D. João III*, em cuja segunda parte o Autor diz — declara a rubrica — *o que cada um dos senhores de Portugal diriam ao beijar da mão.*

A concepção é já de si irónica porque o Poeta parte do princípio que cada um dos citados senhores diria a pura verdade ao rei; na realidade êsses conselhos dá-os Gil Vicente — e quanto sábios e humanos e nacionais êles são!

Quero-vos aconselhar  
que façais grande tesouro  
antes de fama que de ouro,  
e tende o muito cubiçar  
por agouro.

Outro, em que pede remédio à miséria do país:

Governai polo antigo  
que êste posto está em p'riço,  
as ovelhas suspirando  
sem abrigo.

Outro ainda, pugnando pela boa justiça:

Porém sereis avisado  
Que a todo o julgador  
deis grã tença de temor,  
por que o povo coitado  
não coma pão de dolor.

Outro conselho, e contra os maus validos, onde aparece a palavra *aderências*, que traz à memória *As aderências do paço*, outro auto seu perdido :

O conselho que eu daria :  
que perdessem a valia  
as aderências, pois são  
as que dão vida ao ladrão  
cada dia.

Novo e sábio conselho contra a lisonja e o ouro :

Não estimeis o dinheiro,  
e a todo o bom cavaleiro  
sêde muito liberal,  
e esquivo ao lisonjeiro.

E, finalmente, estes preceitos tão salutares que nêles deve inspirar-se, à portuguesa, a moral política de todos os governantes :

Sêde isento e liberal,  
provedor de lavradores  
e pai de povos menores ;  
co'os grandes muito Real,  
e moderados favores.

Estes versos exprimem o pensamento central do teatro de Gil Vicente, onde o Poeta, servindo-se do seu extraordinário poder de criar figuras, as punha em jôgo como ideias, activamente, assaltando com sátiras as que se lhes opunham, e que, infelizmente, tantas eram numa sociedade súbitamente desconcertada como aquela em que êle viveu.

Todavia Gil Vicente, o grande rural, chegou a ser arrastado pela *tormenta* manuelina, e há um momento — o do *Auto da Fama* — em que o seu ingénito municipalismo é vencido pelo imperialismo da época e em que canta com épico arranque, fixando os rudimentos da epopeia nacional :

Vós, Portuguesa Fama, não tenhais ciúmes,  
Que estais colocada na flor dos Cristãos.

Vossas façanhas estão colocadas  
 Diante de Cristo, Senhor das alturas,  
 Vossas conquistas, grandes aventuras,  
 São cavalarias mui bem empregadas.

E estes versos do mesmo Auto, de música tão estranha e aliás tão nacional, onde as palavras brilham como jóias e exalam o perfume perturbador do exotismo de que *Os Lusíadas* e os livros dos nossos viajantes estão impregnados — daquêle exotismo que foi o primeiro a florescer na Europa e ainda recentemente fez a glória de escritores como Baudelaire, que três séculos depois de Camões cantou o encanto de uma mulata, e como Loti, que foi ao Japão três séculos depois de Fernão Mendes Pinto :

Ormuz, Quiloa, Mombaça,  
 Sofala, Cochim, Melinde,  
 como em espelhos de alinde  
 reluze quanta é sua graça !

Mas, até como primeiro épico do imperialismo manuelino, o grande rural, contemporâneo de Vasco da Gama e de Afonso de Albuquerque, não logra fugir à propensão nativa e simboliza a Fama Portuguesa — aquella que tem, como êle diz adivinhando Camões, *o mundo rodeado | do Oriente ao Ponente |* — na rústica figura de uma mocinha beiroa, guardadora de patas. Se, como homem do Renascimento, Gil Vicente ficou pois, em verdade, um primitivo, certo é que, como primitivo, foi também paradoxal, porque possuía formosíssimo sentimento lírico, mas se armava de agudíssimo senso crítico.

Quantas vezes êsse duplo aspecto do seu génio nos sobressalta nas suas obras, quando o Poeta ajunta ao mais puro e delicado lirismo o rude gracejo zombador. Um exemplo, entre tantos. — Se Gil Vicente se elevou alguma vez à maior altura da poesia lírica religiosa, foi no *Auto da Mofina Mendes* — que devia ter ficado conhecido pelo título que se lhe dá no prólogo — *Os Mistérios da Virgem* —, e forma, com o *Auto da Alma* e o da *Barca da Glória*, um sublime tríptico dramático entre a mais bela poesia universal.

Na scena final da *Mofina Mendes*, em seguida ao nascimento de Cristo, o Anjo acorda os pastores annunciando-lhes a divina boa-nova, e por sua vez *André*, o menos dorminhoco daqueles zagais, pretende despertar os companheiros, chamando-lhes a atenção para o canto annunciador do *Anjo*:

ANDRÉ

Não durmais mais, Paio Vaz,  
e ouvireis cantar aquilo.

PAIO VAZ

Ora tu não vês que é grilo?

Êste verso produz no público um riso irresistível em tão sublime momento, e é preciso que êle esteja bem dominado pela beleza mística da obra para se não desmoralizar.

Todavia, não é por mera intenção cômica que o Poeta põe nas bôcas dêsses pastores essas e outras respostas mais ou menos brutais e até sacrílegas; é para nelas simbolizar os diversos quinhões da Humanidade diante do pensamento do Salvador, desde o comedor voraz ao scéptico. Mas como o seu processo é naturalmente realístico como o dos escultores góticos, Gil Vicente não hesita em sobrepor à scena sublime do Nascimento as cruas respostas dos homens ingratos.

Na realidade a obra de Gil Vicente, olhada no seu todo, é comparável a uma catedral. Anima-a o grande espirito colectivo e na sua fábrica enfeixam-se os sentimentos da poesia e as concepções da razão, os santos e os diabos, as cruezas e os êxtases, os heróis e as caricaturas, os apóstolos e as gárgulas, em moldurados em silvas simbólicas, entre decorações de vertiginosa fantasia, e tudo ressumando o mais intenso nacionalismo. Era também um crente fervoroso, mas cristão ao modo ousado dos primeiros franciscanos, os quais, exactamente porque sentiam Deus muito perto, desconfiavam da pureza dos intermediários e directamente O adoravam. Creio que ninguém hoje suspeita Gil Vicente de mau católico. E' êle até, repito, o maior poeta místico da nossa linguagem, o



trovador de Nossa Senhora. Mas, ao mesmo tempo, e em razão das suas mesmas crenças, crivou sempre de sátiras cruéis o clero corrompido, os frades gozadores, e acusou Roma de comprar ao próprio Demónio *sujas mercancias*. Esta sua liberdade de crítica às questões e entidades religiosas é realmente extraordinária e revela em D. João III uma capacidade intelectual superior à que teriam hoje muitas autoridades civis e eclesiásticas. No *Auto da Feira*, representado a este rei, e no extraviado *Jubileu de Amor*, que êle também ouviu e que em Bruxelas, quando representado em casa do embaixador português Mascarenhas, tão gravemente scandalizou o Legado do Papa, Gil Vicente deita à cara da Cúria Romana os escândalos dos seus negócios e fá-lo com pujança inigualada, pois que Lutero injuria o Papa como rebelde e Gil Vicente mantém-se fiel à Igreja ao pô-lo a par e par com o Demónio. Todavia, nesse mesmo *Auto da Feira*, onde o Diabo diz que vende

perfumaduras  
que pondo-as no embigo  
se salvam as criaturas,

Gil Vicente transpõe para o céu, com adorável poesia, a própria pastoral ou écloga tão viva e natural da nossa terra, neste diálogo entre um *Serafim* e o ser-rano *Gilberto*:

GILBERTO

Sois samica anjo de Deus;  
quando partistes dos céus  
que ficava êle fazendo?

SERAFIM

Ficava vendo o seu gado.

GILBERTO

Santa Maria! Gado há lá?  
Oh! Jesu! como o terá  
o Senhor gordo e guardado!  
E há lá boas ladeiras  
como na Serra da Estrêla?

SERAFIM

Si.

GILBERTO

E a Virgem que faz ela ?

SERAFIM

A Virgem olha as cordeiras  
e as cordeiras a ela.

Este tão lindo e palpitante sentimento bucólico do Poeta é com efeito natural de Portugal e nada deve nem a Vergílio nem ao artificial Sannazzaro; é o mesmo bucolismo da *Tragicomédia pastoril da Serra da Estréla*, écloga épica em que a própria figura da Serra celebra a abundância e o sabor dos seus produtos — o leite, a manteiga, os queijos, as bezerras, as ovelhas, as gordas cordeirinhas, a castanha de Gouveia, os panos da Covilhã.

\*

\* \*

Mas se Gil Vicente não é, graças a Deus, um *humanista*, no largo e fino sentido desta palavra erudita, nem por isso deixou de se elevar às alturas de pensador a quem o problema da Divina Justiça inspirou profundamente.

No conjunto da sua obra é preciso citar à parte a trilogia das *Barcas*, em que a *Barca da Glória* significa, pelo grandioso estilo da sua architectura, uma admirável *Dança da Morte*, poema-oratório servido pela música, Moralidade em que se congregam as mais altas sugestões da Idade-Média, do Renascimento e da Reforma. Vê-se aí a *Morte* conduzindo para o temeroso cais, primeiro os grandes da nobreza — um conde, um rei, um duque e um imperador; depois os grandes da Igreja — um bispo, um arcebispo, um cardinal e um papa. E todos estes grandes do mundo são repellidos pelos Anjos e a cada um o Diabo acusa de mortal pecado ou vício. Então os condenados deploram seus erros e rezam responsos entremeados de versículos latinos. Nas bocas deles põe Gil Vicente alguns versos de sublime meditação. O papa exora a

Virgem Maria a que por sua alma interceda e recita  
êste lamento de patética poesia :

(verti os versos para a nossa lingua)

O' gloriosa Maria,  
pelas lágrimas sem conta  
que choraste aquêle dia  
em que teu Filho sofria,  
que nos livres do tormento  
sem tardar ;  
por aquella dor sem par  
quando em teus braços o viste  
não te podendo falar,  
e o viste sepultar  
e, sem êle, dêle te partiste . . .

Neste passo os Anjos desferem a vela da *Barca da Glória* e nela aparece o Crucifixo pintado ; na scena final vem o Cristo da Ressurreição.

Uma das glórias desta *Barca* é ter inspirado ao grande Lope de Vega a sua comédia moral da *Viagem da Alma*, que o poeta castelhano adaptou às condições do seu meio e ao sabor do seu génio, como Calderon o fêz com outras sugestões do nosso Poeta. O que em Gil Vicente palpita de livre espirito religioso e tradição popular do Cristianismo, em Lope de Vega transformou-se porém em severo e sombrio espirito católico. O poeta português não hesita, como Dante Alighieri, em condenar um papa, mas é um papa quem vai ao leme da *Barca* do poeta espanhol.

A' trilogia portuguesa das *Barcas* pode chamar-se a *Divina Comédia* do Ocidente, e a da *Glória* (infelizmente escrita em castelhano), em que dominam as duas grandes personagens que encheram a Idade-Média — O Diabo e a Morte — é um dos mais belos mistérios que jamais brotaram da mente de um poeta.

\*

\* \* \*

Em suma : — Gil Vicente é um primitivo que critica e um humanista que reza.

E é também, e sôbre tudo, repito, o paladino do

bom-senso e da saúde nacionais. Pela viveza e pela graça com que pinta o povo português, trazendo-o, com suas danças e cantigas, das serras e dos vales para as redondilhas dos Autos, Gil Vicente ensina-nos o amor da terra e da gente a que pertencemos, da gente obscura e heróica que, através de sacrifícios sem conta, mantém, com a ternura pela leira de terra que é a sua pequena pátria, o amor da Pátria grande, de que os humildes casais de família são o alicerce em que ela assenta.

Logo na sua primeira criação — o *Vaqueiro do Monólogo* —, o Poeta fixou a total representação do Povo Português, tal como êle era, tal como ainda acreditamos que seja, tal como quereríamos que sempre fôsse — grande fidalgo do monte ou do vale que penetra na câmara do seu rei para saudar a Nação e tão cioso é da sua dignidade que não hesita em dar uma punhada em um dos guardas que pretende impedir-lhe a passagem. Eis aqui uma scena que só em Portugal seria possível, isto é, no país em que as garantias foraleiras e as liberdades municipais impediram sempre as tiranias, e uniram sempre também os reis ao povo nessa admirável democracia real que veio desde o Passado até aos nossos dias, e é glória autêntica de tôda a nossa História.

Mas em todo o teatro de Gil Vicente é custoso topar com figura morta, porque às personagens alegóricas insufla vida humana e, as do natural, muitas delas descansam a estas horas da labuta do dia, ou andam pelas cidades — e conhecemo-las. Se em Portugal se tivesse desenvolvido o culto vicentino, nós citaríamos muitas personagens dos Autos com a mesma naturalidade — e com muito melhor razão — com que se citam as de Molière — de Molière que Gil Vicente tão intensamente adivinhou — e as de Shakespeare, a propósito do qual o ilustre filólogo inglês Sr. Aubrey Bell diz que Gil Vicente «se parece com o que Shakespeare deveria ter sido, se nascesse no século XV».

As figuras do *Vaqueiro*, do escudeiro *Aires Rosado*, do delambido padre *Frei Paço*, do *Pero Marques* da farsa de *Inês Pereira*, da *Mofina*, do lavrador que se queixa das intempéries, e de tantas outras, deveriam ser-nos familiares como as do grande poeta francês,

muito mais ditoso mas não mais genial que o nosso, e, com certeza, menos inventivo.

E' preciso, porém, recordar que as obras de Gil Vicente foram muito queridas em vida do autor e que D. Sebastião ainda as lia com gôsto. A' farsa *Quem tem farelos?* deu-lhe o título o próprio público, e as suas peças correram em fôlhas volantes antes de compiladas. Jorge Ferreira de Vasconcelos fala de lavadeiras que davam ceitis a meninos para que lhes lessem Autos. O longo crepúsculo de-certo se cerrou depois de Alcácer-Kibir.

E o génio de Gil Vicente não teve continuadores em Portugal; foi em Espanha, como succedeu com a pintura, que a pródiga semente portuguesa veio a fructificar.

Tão longo foi, porém, êsse crepúsculo, que a manhã apenas começou a raiar com a peça romântica em que a intuição de Garrett invocou o mestre esquecido, e com a benemérita edição de Hamburgo, de 1834, em que dois portugueses emigrados nos restituíram um texto a bem dizer desconhecido em Portugal.

\*

\* \*

Mas ¿ que sabemos nós da vida dêste homem tão próximo das nossas almas pelo milagre do génio? Não esperem V. V. Ex.<sup>as</sup>, encarecidamente o peço, que eu me vá embrenhar em considerações eruditas, citando documentos, calculando datas, destrinçando genealogias. Confesso que há longo tempo me desconsola a desproporção que se tem mantido entre a exegese do grande Poeta e a ausência das suas obras no teatro. Do mesmo modo que *Os Lusíadas* serviram durante muitos anos para ensinar gramática nos liceus — e orgulho-me de ter sido o primeiro português que protestou em público contra êste sadismo poético — assim os Autos vicentinos têm servido para temas de erudição, imensamente respeitável de-certo, mas incapaz de produzir a vida scénica, que é a única vida das obras de teatro e sobretudo de um teatro como êste.

«Livro meu, que esperas tu?» pergunta Gil Vicente ao volume manuscrito das suas obras mandado

imprimir por D. João III — benemerita acção real que faz de este rei o salvador do génio vicentino, pois que os originaes das obras fôram aí respeitadas, embora a censura os desbaratasse logo na seguinte edição. «Livro meu, que esperas tu?» — o que queria dizer — Minhas obras de teatro, que vai ser de vós? O livro poderia ter-lhe profeticamente respondido que durante três séculos os Portuguezes haviam de ignorar o génio que nêle se continha, e que, depois de o terem enfim descoberto, o quereriam guardar embalsamado.

Mas, se o que sabemos da vida de Gil Vicente é em verdade muito pouco, o primeiro culpado é o próprio Poeta, que tão pouco nos fala de si-próprio, e ainda assim quasi sempre para nos desorientar humoristicamente — a não ser nos versos ao Conde do Vimioso, que já vou ler.

Gil Vicente é o mais objectivo dos poetas portuguezes. Todos êles falam de si-mesmos, e quasi todos apenas de si-mesmos; Camões, num poema épico, em vários passos intervém na acção, e até de tal modo se confessa em certas estâncias que nelas colhemos elementos biográficos que se conjugam com os das suas confissões líricas. Gil Vicente apenas faz falar as suas figuras, e, occulto por essa multidão sagrada e profana, dispara-nos o seu riso e deixa-nos, a respeito do autor, deslumbrados e ignorantes, no meio dos fidalgos «que têm muitos aparatos e a casa esfaimada», dos juizes que dão «negras sentenças», dos «clérigos que aborrecem a coroa» — são suas tôdas estas palavras — dos físicos, almocreves, judeus, feiticeiras, regateiras, pastores, negros, ciganos, todos falando suas linguagens próprias, todos tocados pelo génio do grande animador, o qual, por contraste com tanta vida que criou, nos esconde a sua própria, por tal modo que a sua biografia, ao cabo de tantas investigações, se deve talvez resumir nisto: — Chamou-se Gil Vicente, era portuguez e tornou-se imortal.

Como foi ourives da muito illustre rainha D. Leonor, a grande amiga que lhe deu o ensejo de revelar o génio poético, bem podemos crer que nasceu nesta mui nobre cidade de Guimarães, onde florescia a grande escola da nossa ourivesaria, e filho de pai ourives. E' curioso que contra a naturalidade beiroa — que

tanto apetece às vezes atribuir-lhe — se declaram beirões inteligentes, que reconhecem que a qualidade do génio vicentino não pode descender do espirito — aliás tão nacional — dessa província. Da sua actividade de ourives, que deve ter durado até 1517, ficou para a glória de Portugal um Auto novo — o *Auto do Ouro Primeiro* —, como eu há bastante tempo chamei à custódia dos Jerónimos, cujo significado é a espiritualização do ouro dos tributos. Essa jóia lânguida e rude tem um carácter que é muito filho do génio do Poeta. Os apóstolos são velhos pastores que no montado viram talvez bailar a *Mofina*, e o Deus que encima a composição é o Padre Eterno das Navegações e Conquistas, o *Deus Português*, segundo um verso de Gil Vicente, adivinhador dos modernos nacionalismos, como o notou o eminente professor Agostinho de Campos.

Podemos também crer que o mestre dos Autos foi muito estimado dos seus reis, mas principalmente de D. João III, que êle viera, saúdar, trajado de pastor, na segunda noite do seu nascimento, e a quem representou as suas obras mais ousadas; e certamente os reis não só o cobriam com a autoridade real, mas até — é-se forçado a admiti-lo — de concôrto com o Poeta teriam inspirado algumas das suas sátiras, pelo menos as disparadas contra cortesãos que assistiam às representações. Todavia, entre as raríssimas alusões que Gil Vicente faz à sua própria personalidade, há uma que impressiona e que não seria tema asado para brincar, sobretudo nas redondilhas ao Conde do Vimioso, vèdor da fazenda, e cuja rubrica diz — «a quem el-rei remeteu o autor sôbre um despacho seu». São êsses por assim dizer os únicos versos autobiográficos de Gil Vicente, e nêles se derrama a melancolia do trabalhador descorçoado e o reflexo de um orgulho muito nobre. «Foi isto em tempo de peste — diz êle — e o primeiro rebate dela deu por sua casa.» Pode supor-se que foi no ano de 1518, no reinado de D. Manuel, e, como observa Oscar de Pratt — que escreveu à cerca de Gil Vicente um livro notável —, a sua produção teatral devia ser até então de cêrca de 19 peças das 44 que se lhe conhecem.

Sendo assim, não seria tão grave a ingratidão real, mas o facto da mesquinhez para com Gil Vicente

persiste e está longe de honrar o esplendor manuelino, que tem já de si fama de ingrato.

Começa Gil Vicente o seu memorial ao vedor da fazenda, êsse ilustre Conde do Vimioso, espírito de filósofo e de letrado com quem o Poeta se devia sentir à vontade :

Senhor, a longa esperança  
muito curto prazer ordena,  
minha vida está em balança  
e a muita confiança  
nunca causou pouca pena.  
Isto digo  
pelo que passo comigo  
pelo tempo que se passa ;  
vejo minha morte em casa  
e minha casa em perigo.

Depois, vem o queixume de quem não é feito para pedir e todavia tem de fazer-se lembrado :

Certo é, nobre senhor,  
que quis Deus ou a fortuna  
que quem serve com amor,  
quanto maior servidor  
tanto menos importuna.  
Daqui vem  
que quem não pede não tem  
e quem espera padece,  
e quem não parece esquece  
porque não lembra a ninguém.

Já a rubrica dêstes versos nos dissera que «andava então na côrte um Gonçalo d' Ayola, castelhano, muito falador, e que medrava muito». E o Poeta vai referir-se ao castelhano com a antipatia que a êste Português da gema os castelhanos sempre inspiram, embora tanto escrevesse nessa linguagem para agradar às rainhas castelhanas. Já na *Tragicomédia pastoril da Serra da Estréla* se encontra êste diálogo precioso :

Pergunta a *Serra* :

Sois vós de Castela, manos,  
ou lá de baixo do extremo ?



Resposta de Jorge e Lopo, naturais do Sardoal:

Agora nos faria o Demo  
a nós outros castelhanos !  
Antes queria ser lagarto,  
polos Santos Evangelhos !

E Gil Vicente, no seu memorial, faz passar rapidamente a figura do castelhano muito falador e muito medrado, que tanto contrasta com a sua descrição no pedir :

Muito debaixo da sola  
trouxera quanto desejo  
s'eu aprendera na escola  
onde Gonçalo d' Ayola  
aprendeu tanto despejo.  
Que o sesudo  
dêste tempo fala tudo,  
quer vá torto quer direito.  
E, tornando a meu respeito,  
pera mi fui sempre mudo.

Depois, retomado pelos cuidados do seu teatro, fala ao conde na nova obra que prepara e não chegou a escrever, inda que as suas obras tôdas tão poucos proveitos lhe tenham dado :

Agora trago entre os dedos  
uma farsa mui fermosa ;  
chamo-a *A caça dos segredos*,  
de que ficareis mui ledos  
e minha dita ouciosa.  
Que o medrar  
se estivera em trabalhar  
ou valera o merecer,  
eu tivera que comer  
e que dar e que deixar.

Porém por cima de tudo  
o meu despacho queria,  
porque minha fantasia  
ocupa o mais do estudo  
todo em vossa senhoria.

E o cuidado  
 quando anda assim ocupado  
 cuida muito e não faz nada;  
 a vontade acho dobrada,  
 mas o espírito cansado.

E' esta a página mais íntima de Gil Vicente, e também a mais melancólica; nunca a leio sem o sentir perto de mim, do mesmo modo que a iluminura de Goa, apesar da fraqueza do desenho, é o único retrato de Camões onde podemos entrever a sua fisionomia.

Existe também um retrato autêntico de Gil Vicente, ou antes, um esbôço feito a correr, e por êle mesmo, mas que no-lo dá vivo a seu modo, a não ser que o feito zombador do Poeta tenha concorrido para que em vez de auto-retrato seja caricatura; em todo o caso, dêsse desenho alguma coisa de exacto deverá ficar. E' ainda no *Romance à aclamação de D. João III* que o vamos colhêr. Aí, logo no começo da segunda parte, depois de descrever o real cortejo deslumbrante a caminho de S. Domingos em Lisboa, descreve dêste modo a sua própria figura:

Eu estava cá no chão,  
 como outro desmazelado,  
 do teatro tão alongado  
 que via beijar-lhe a mão  
 mas não ouvia o falado...

Não é presumível que Gil Vicente, o poeta dramático da Côrte, e na aclamação de um rei que o conhecia desde menino, não conseguisse, se o desejasse, melhor lugar do que êste em que se achava. Se estava tão separado dos grandes, era talvez porque êste homem, que o destino tornara cortesão, se sentia melhor longe dos cortesãos. Que êle não era, porém, para o seu rei apenas um bobo divertido, prova-o a tão nobre carta que de Santarém enviou a D. João III, tratando de matéria tão grave, e dando-lhe conta da sua admirável intervenção por ocasião do terremoto que assolara a vila em 1531, e em que o Poeta, prégando por sua vez aos frades prégadores, acalmara o terror do povo e evitara uma matança de judeus.

\*

\* \* \*

Não queria terminar sem mostrar a V. V. Ex.<sup>as</sup> algumas estampas vicentinas que, vistas com êste recuo do tempo, têm já certo sabor.

Em 18 de Dezembro de 1911 ressurgiu em Lisboa, no então Teatro República, o *Auto da Barca do Inferno*, e o mérito dessa ressurreição coube na realidade a Augusto Rosa, grande artista e verdadeiro senhor, que teve a coragem e o bom gôsto de aceitar para a sua festa dêsse ano o auto vicentino. Foi a primeira vez no nosso tempo que o público ouviu Gil Vicente, e ouviu-o em 18 récitas seguidas, pois que as representações anteriormente feitas sob a direcção do ilustre dramaturgo D. João da Câmara não passavam de comemoração literária. A *Barca do Inferno* foi depois representada em Coimbra e no Pôrto e, mais tarde, no Rio de Janeiro — o que não quer dizer que êste primeiro impulso não viesse a desfalecer, como os seguintes que foram sendo tentados até aos últimos anos.

Recordo-me bem de que na noite do ensaio geral, começado altas horas, depois do espectáculo da noite, apenas Augusto Rosa e eu confiávamos no êxito da aventura vicentina; os empresários, costumados à importação francesa, achavam tudo aquilo uma loucura. O grande artista fêz uma criação admirável e é essa imagem do *Diabo* de Gil Vicente que vamos ver.

(*Projectção I*).

Depois, em Maio de 1912, em casa do Sr. José Lino, em Lisboa, fez-se uma encantadora representação de câmara, por amadores, com o *Auto da Mofina Mendes*, também ressurgido do passado.

Essa representação, em que o distintíssimo architecto Raúl Lino desenvolveu os seus talentos de decorador, foi um excepcional successo de arte em Lisboa, e a seu propósito escreveram belas palavras alguns ilustres escritores nossos, como o Conde de Sabugosa, o Dr. José de Figueiredo e Hipólito Raposo.

A scena que vai ser projectada é a do simbólico

pote de azeite quebrado pela *Mofina*, que, a seguir, canta :

Por mais que a dita me enjeite,  
pastores, não me deis guerra,  
que todo o humano deleite  
como o meu pote de azeite  
há-de dar consigo em terra.

(*Projecção II*).

Outra scena da *Mofina Mendes* — o nascimento de Cristo. A Virgem, rodeada das *Virtudes*, «com quem de menina foi criada». Como V. V. Ex.<sup>as</sup> estão vendo, o aspecto é o de um quadro de primitivo. As colunas do pequeno claustro românico eram de mármore. No chão, um tapete persa. Não havia ribalta. A música, compilada pelo distinto musicólogo Sr. António Lamas, era do século XVI. E tãda a indumentária foi estudada nos documentos da época.

(*Projecção III*).

Como curiosidade vou mostrar, para terminar as projecções, a scena final do *Monólogo do Vaqueiro*, representado no quarto de cama do eminente estatuario Teixeira Lopes, em Gaia, no mês de Maio de 1912. O *Vaqueiro* fôra à scena, pela primeira vez depois de 1502, no ainda então chamado Teatro de D. Maria, em Fevereiro de 1910, no meio da indiferença absoluta de tãda a gente. Essa ida ao Pôrto da Companhia do Teatro República deu-me sobretudo esta alegria — ter levado ao teatro a minha eminente Mestre e veneranda Amiga a Senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, que tanto e tão benemeritamente estudara Gil Vicente, mas nunca vira em scena obras do Poeta — e tanto gostou de as ver. A tarde de Gaia foi uma honra que o empresário do República, o Visconde de S. Luís Braga, me quis fazer como excepção única: — pôs à minha disposição a sua companhia e eu levei-a a casa de Teixeira Lopes. A grande actriz Adelina Abranches, que não criou a figura do *Vaqueiro*, era quem a interpretava, como V. V. Ex.<sup>as</sup> vão ver.

(*Projecção IV*).

Para concluir esta conferência, a que faltou sequência lógica, mas que propositadamente escrevi — como artista e não como erudito, que não sou —, ao sabor das ideias que acorriam, vou dizer o Soneto, inédito e que pela primeira vez digo em público, em que busquei, decerto em vão, erguer em pé a figura de Gil Vicente. Tem como citação os versos do prólogo do *Auto Pastoril Português* em que o Poeta se refere a si-próprio:

um Gil, um Gil, um Gil,  
um que não tem nem ceitil,  
que faz os aitos a el-rei.

## GIL VICENTE

...um Gil, um Gil, um Gil,  
um que não tem nem ceitil,  
que faz os aitos a el-rei.

*Auto Pastoril Português.*

Entre os de *bom saber*, rude zagal,  
Entre os zagais, *latino* e trovador,  
Tua língua é viva de áspero sabor,  
Tua alma abarca inteiro Portugal.

Do nosso próprio chão, em manancial,  
Rompe o teu génio claro e criador,  
Com o largo riso e o lusitano amor  
Da justiça e da honra medieval.

Em ti gargalha o demo, em maravilha  
A Virgem fulge, e o som da serranilha  
Perfuma o teu lirismo, flor da grei.

Mestre, tu és um Gil, um Gil, um Gil  
Que inda do nosso amor não tem ceitil  
E para fazer autos não tem Rei!

A assistência aplaudiu vivamente o Sr. Dr. Afonso Lopes Vieira, que recebeu os cumprimentos de muitas pessoas desta cidade e ainda das que de outras terras vieram propositadamente a Guimarães para ouvir a sua palavra de Mestre.

\*

No dia 9, pelas 10 horas da noite, teve lugar a récita popular vicentina, no Largo do Salvador. Do que foi êsse espectáculo inolvidável, promovido pelo Ministério da Educação Nacional, transcrevemos do «Notícias de Guimarães», de 13 de Junho, algumas referências:

No Campo do Salvador, num cenário esplendoroso da época medieval, tendo por fundo a silhueta forte do nosso soberbo Castelo, realizou-se, na quarta-feira, à noite, a festa evocativa das antigas representações dos autos vicentinos, determinada pelo Ministério da Educação Nacional e levada a efeito pela Companhia do Teatro Nacional, de Lisboa.

O recinto achava-se sôbriamente engalanado e a afluência de público foi das maiores.

Feito o silêncio, o nosso prezado conterrâneo e ilustre homem de Letras, Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Eduardo de Almeida, a quem o Ministério da Educação Nacional convidara a dizer algumas palavras sôbre o significado daquela representação, sobe ao tablado e profere o seguinte breve discurso, conciso e perfeito:

«E' velho andaço — a boa obra, mau prólogo: mas, desta feita, as duas palavras, ao iniciar-se a representação dos Autos, serão breves e recolhidas como o acender dos lumes em altar festivo.

Há 435 anos, feitos ontem, a 8 de Junho de 1502, Gil Vicente recitava o vilancico da *Visitação*, na câmara da Rainha, a festejar o nascimento do Príncipe, que foi o nosso D. João III — e como entrava êle no Paço, senão: no traje, com rudos modos, para dizer, enternecido mas desempachado, a viril saúdação do forte *Vaqueiro* humilde?

Foi assim, incarnando a alma sã e aberta do Povo, que Gil Vicente construiu a primeira obra da nossa literatura dramática — e tóda a perdurável literatura dramática é, em essência, popular, porque é a acção dos sentimentos humanos.

Havíamos atingido, pelas Conquistas e Descobrimentos, o chamado período áureo da nossa História — éramos à frente do Mundo, que, por todo o Mundo, se vertera o sangue e a todo se

levara o nome alto e claro de Portugal; a Côrte era magnificente; Lisboa, senhora dos Mares. E tanto, e tanto, que já nos mordera o estonteio das riquezas, nos quebrantava o luxo, e nos adorinencia o prazer.

Carregados «de vaidades peçonhentas», «as virtudes foram-se perdendo de dias em dias».

E' então que, sem deixar de exalçar tão singular maravilha do nosso Destino, a voz de Gil Vicente, a sua voz em acção poética e dramática, ressoa, alegre e sacudida, pujante e sarcástica, gárrula e bailante, clamorosa de epopeia, plena de saúde, grave de bom senso, grotesca e profunda, chacota e trova, irreverente e impregnada da mais pura e cristianíssima espiritualização, como, também, branda e mansa, amorosa e magoada, na mais espontânea e enterrecida, na mais carinhosa e suave expressão de lirismo — tôda e a verdadeira alma da nossa alma lusíada.

E' o Povo de Portugal à luz imensa de um génio — é o serrano e o camponês, o pastor, o lavrador e o artista, comp a bradarem, ofuscados mas suspensos: — Para onde vamos, para onde vamos? — Não se perca nosso Lar, nem mesmo em troca de tão vasto, o maior poderio, nem se venha a fazer de nós um Portugal-outro e postico.

Esse homem de vida de sombra — porque se ignora sua vida —, tantos séculos depois, por meio da sua obra em acção — essa obra tão milagrosa de Arte que remoça, fresco e viçoso, o mesmo encanto e o mesmo riso (ides sentir seu encanto e podeis folgar alegremente em seu riso) —, é êsse homem que, como filho partido para os mais altos destinos, aqui, junto às muralhas do Castelo, onde amanheceu o dia e o sol de Portugal, hoje enfim regressa ao seu Lar, ao Berço do seu génio imortal.

— Vai começar o Auto Pastoril Português !»

As últimas frases, pronunciadas, valeram-lhe ao orador uma bem merecida e demorada salva de palmas.

Segue-se a representação, feita ao jeito vicentino. Fortes projectores iluminam o tablado e a luz esmalta o movimento das personagens que, num conjunto harmonioso, vão passando ante os olhos dos espectadores.

Primeiro, a representação do *Auto Pastoril Português*. Seguiu-se, a encher a 2.<sup>a</sup> parte: *Todo o Mundo e Ninguém*; o *Pranto de Maria Parda*, recitado pela inimitável Adelina Abranches; a *Exortação da Guerra* e a *Tragi-Comédia Pastoril da Serra da Estrêla*. Por fim, como 3.<sup>a</sup> parte do programa, assistiu-se à representação da *Farsa de Inês Pereira*.

O espectáculo terminou pouco depois da 1 hora da madrugada, ouvindo-se, ao terminar, o «Hino Nacional».

Em lugares de honra viam-se as autoridades locais, os representantes dos Srs. Ministro da Educação Nacional e Chefe do

Distrito, o Sr. Dr. Afonso Lopes Vieira, Direcção da Soc. M. S., C. A. da Câmara e muitas outras pessoas de representação.

De Braga, Pôrto, Felgueiras, Fafe, Vizela, Santo Tirso, Taipas, S. Torcato e outras localidades, vieram numerosas pessoas assistir à representação. O Público abandonou o Campo do Salvador bem satisfeito, e só há que agradecer ao Ministério da Educação Nacional a grande honra concedida a Guimarães.

E dest'arte desceu o pano sôbre as comemorações vimaranenses do Centenário Vicentino.